

Extensionista, o repórter

Como levar ou transferir tecnologia para o produtor rural? O presidente da Embrapa, Eliseu Alves, vê os extensionistas como uma espécie de "jornalistas do meio rural". A função da assistência técnica, então, seria "baratear o custo da informação para o agricul-

tor". E, no dia-a-dia, os problemas são muitos. É preciso, por exemplo, conhecer a realidade do produtor antes de tentar familiarizá-lo com as inovações tecnológicas.

Segundo José de Souza Silva, difusor de tecnologia do CPATSA/Embrapa

Souza Silva, do CPATSA, conta como descobriu que - como extensionista - não "sabia de tudo".



José de Souza Silva

Convicto de que "sabia de tudo", em janeiro de 1975 coloquei meu diploma do curso superior de agronomia numa bonita pasta preta e fui assumir meu primeiro emprego, o de extensionista rural da Emater-PB. Após um estágio de campo de 17 dias, no escritório local em Souza (Paraíba), fui designado para assumir a responsabilidade do escritório em Antenor Navarro (PB).

Segui, durante toda a minha viagem até aquele município, mergulhado em profundas reflexões sobre minha real competência diante da primeira responsabilidade. Já não tão convicto de que "sabia de tudo", no dia seguinte apresentei-me no escritório local para o primeiro expediente. Surge na porta o produtor e solicita uma visita e orientação técnica. Num misto de euforia e receio, fui com o produtor no Jeep da Emater-PB (um, ainda atuante, modelo 62) — até sua propriedade. O produtor conduziu-me até seu roçado onde explorava a cultura do arroz e fez-me uma pergunta:

NÃO SEI

— Dotô, meu arroz tá doente. O que

é que ele tem e como é que eu posso curá ele?

Xeque mate. O sangue gelou, a vista escureceu, as forças faltaram. Não tinha a solução para o primeiro problema! Conhecia a primeira frustração. Num lampejo de lucidez, dentro do caos mental que me afogava, pensei: "Quero dizer-lhe que não sei. Como ele irá interpretar-me?" Todavia, fora essa alternativa, só faltava mentir: enganá-lo dizendo que iria levar uma amostra para me certificar, através de uma análise, se era realmente uma doença ou uma deficiência mineral que apresentava sintomas semelhantes... Minha estrutura psicológica, a formação moral, as bases do caráter,

em Petrolina (ver matéria sobre o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-árido em Raízes de setembro/80), "conquistar a confiança do produtor é pré-requisito essencial para a obtenção de resultados positivos no processo de adoção de tecnologia". Nesse sentido, o "cumprimento dos compromissos, a simplicidade do diálogo, a identidade com os valores regionais, o respeito pela experiência do produtor", etc, podem ajudar. Um exemplo disso é a experiência de Souza Silva (logo que saiu da faculdade de agronomia), quando um produtor fez questão de testar suas habilidades. A descrição — que inclui o registro aproximado do modo de falar nordestino — foi feita pelo próprio difusor de tecnologia, especial para Raízes.

Primeira lição

a "história individual", tudo levou-me a concluir que uma tentativa de "enrolar" era pouco coerente com o papel-tarefa, com a necessidade atual do produtor e com meus princípios.

"Vou dizer a verdade", concluí (intimamente pensei: "ficarei queimado na região, o produtor espalhará que o novo extensionista nada sabe").

JUÍZO FINAL

— "Seu" José — falei — gostaria de dizer ao senhor que não tenho, ainda, experiência com a cultura do arroz. Nunca trabalhei antes com arroz. E, por isso, não sei que doença é essa. Mas o mais importante não é eu saber ou não saber qual é a doença de seu arroz e, sim, apresentar uma solução. Posso garantir ao senhor que, se a doença for conhecida, se existir um veneno (na região, eles chamavam qualquer defensivo de "veneno") para o controle dela vendido no comércio, no máximo em três dias irei trazer a solução para seu problema.

Não sabia se poderia, por iniciativa própria (sem autorização oficial), deslocar-me no Jeep até outra cidade para

consultar um colega veterano. Por isso, acabei tomando o trem às 21:40 hs, como se estivesse caminhando para o juízo final. Se o colega soubesse a solução, estaria salvo da vergonha maior. E, caso contrário, estaria condenado à frustração, fatal para mim.

À meia-noite, acordei o extensionista. Indaguei logo sobre a solução para a doença do arroz do "seu" José. O colega esbravejou por ter sido acordado, falou qualquer palavrão incluindo a pecha do "novato", riu, sentou-se e deu-me a tão almejada solução. No dia seguinte, comprei o defensivo específico para a doença. E, novamente de trem, voltei ao escritório. No mesmo dia, fui à propriedade do produtor.

CONFORTO PSICOLÓGICO

— O que foi que houve, doutô? O sinhô foi simhora ontem atrás de saber a resposta do meu problema e hoje tá aqui? Dexou a sua bolsa ou algum documento perdido aqui?

— "Seu" José, já sei qual é a doença do seu arroz. E já trouxe o veneno pra evitar o senhor perder tempo pra ir comprar ele. Gostaria de orientar algum morador ou trabalhador seu pra que ele use o veneno e o pulverizador da forma que tem menos perigo para a vida dele e que dê mais resultado pra o seu arroz.

Após a orientação e aplicação do defensivo, o produtor agradeceu-me. Voltei para a cidade sentindo uma satisfação que apenas alimentava meu amor-próprio. Não sabia mas resolvi. Três meses depois, recebi um comunicado sobre a minha transferência para outra região. A notícia se espalhou e chegou ao conhecimento de "seu" José.

— "Seu" José qué que o sinhô vá lá na terra dele, dotô Souza", disse um rapaz montado numa égua arisca e suada junto à porta do escritório. Tomei um susto. "Outro problema de que não sei a solução", pensei. Agradei ao rapaz, folheei avidamente um informativo técnico sobre a cultura do arroz, e parti com a cabeça povoada de reflexões. "Será que ele me indagará sobre outra doença que não conheço?" Para meu conforto psicológico, tentei concentrar-me no fato de que havia me procurado algumas vezes e tinha acertado na maioria delas.

TROCAR IDÉIAS

— Como vai, "seu" José? Ontem choveu e fiquei contente porque me lembrei que sua lavoura, aquela que fica por detrás do Serrote da Véia, estava preci-



sando de uma aguinha. Alguma novidade?

— Dotô Souza, a chuva aqui passou muito fina mas foi moiadeira. E hoje a lavoura manheceu muito bonita. Mais eu quero falá outa coisa com o sinhô. Soube que o sinhô vai simhora. É verdade?

— É verdade, "seu" José. Fui transferido para o município de Tacima (PB), lá na região do Curimataú.

— Vige, dotô! Lá é onde o vento faz a cuiva e o diabo perdeu as botas. Num vá não, dotô, lá é ruim demais.

— "Seu" José, a vida é assim mesmo. Vou pra lá e, tenho certeza, gostarei de trocar idéias com outros produtores como o senhor. Os produtores têm muita experiência prática que vai sempre ser muito bom para conhecer.

DOUTOR NOVO

— "Dotô Souza, eu chamei o sinhô pra fazer a confissão dum pecado que fiz cum sinhô. Tá lembrado daquele dia que eu fui chamá o sinhô pela primeira vez, queu truxe o sinhô pra oiá o meu arroz? Pois, dotô, eu tava esprumentando o sinhô. Eu pranto arroz desde menino e aquela doença é uma doença besta que dá todo ano aqui por essas bandas. E o piô é que eu tinha até uma caixa do veneno guardada em casa.

— ...

— Pelo amô de Deus, dotô, deixe eu dizer por que fiz isso. Eu soube que ia chegar um dotô novo na Ancar da cidade e vi quando o sinhô se apiou do carro quando chegou lá no hotê. Achei o sinhô

um menino. Ora, eu sou muito ocupado, vivo da minha lavoura e tenho muié e filhos pra criá. Num posso perdê meu tempo cum quem num tem nada pra me dá. Então, resolvi esprumentá o sinhô pra vê se podia contá cum sinhô pra me orientá alguma miora na minha lavoura.

— Mas "seu" José! E por que o senhor continuou me procurando se eu não sabia da solução pra o seu arroz, nem conhecia a doença do arroz quando o senhor me procurou pela primeira vez?

HOMEM DE VERGONHA

— Dotô, o sinhô fez uma coisa que eu num esperava nem num dotô véio, quanto mais num dotô novo. O sinhô disse que "não sabia". Dotô, fiquei todo arrepiado cum a sua corage e fiquei cum muita vergonha de tê feito essa arapuca pro sinhô. E, quando me alembro que em vinte e quatro horas o sinhô viajou sem dormi e voltô com a solução certa, fiquei cum remorso na consciência. Mais, dotô, depois daquele dia, o sinhô ficô morando no meu coração. Eu disse: "Se esse menino mandá eu prantá incima das teia da casa, eu pranto pro que deve sê bom. Só se num nascesse é queu ia deixá de crê no sinhô. Os meus cumpanheiro tão sabendo que o sinhô é um home de vergonha. Eu disse a eles que podia procurá o sinhô, que o sinhô é de confiança. Dotô, num se esqueça numa coisa: continuei sendo um home. Só diga a verdade pra nós do campo. Nós só confia em quem num engana a gente. 52